

# Do discurso para a gramática: *a relação entre uso e estrutura*

*From discourse to grammar: the relationship  
between usage and structure*

Edvaldo Balduino BISPO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
edvaldo.bispo@ufrn.br



Sávio André de Souza CAVALCANTE

Universidade Estadual do Ceará  
savio.cavalcante@uece.br



Violeta Virginia RODRIGUES

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
violeta.rodrigues@letras.ufrj.br



O entendimento de que a gramática das línguas naturais se configura com base nos usos linguísticos em práticas interacionais é compartilhado por um conjunto de pesquisadores associados a diferentes vertentes funcionalistas. Para Givón (1995), por exemplo, a estrutura gramatical resulta da rotinização de usos linguísticos bem-sucedidos em eventos interacionais específicos. Halliday (1985), por sua vez, defende o caráter “natural” da gramática funcional, no sentido de que nela tudo pode ser explicado em termos dos usos linguísticos. Assume, pois, que os usos da língua, efetivamente, dão forma ao sistema. Conforme Dik (1989), as expressões linguísticas que integram qualquer sistema (língua) devem ser descritas e explicadas em termos de um quadro geral do sistema pragmático de interação verbal.

Em texto clássico do Funcionalismo norte-americano, *From discourse to syntax: grammar as a processing strategy* (1979a), Talmy Givón, sob influência das descobertas de Sankoff e Brown acerca das orações relativas no Tok Pisin, apresenta uma investigação que relaciona discurso e sintaxe, e conclui que a sintaxe das línguas humanas existe em razão de funções que a estrutura desempenha. Nessa direção, a sintaxe não seria uma entidade autônoma, mas estreitamente relacionada à semântica e à pragmática e delas dependente. Conforme encontramos em Dik (1978), a pragmática é a moldura dentro da qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas. A semântica é dependente da pragmática, de modo que esta governa aquela e ambas impactam a sintaxe. Tomadas em uma perspectiva hierárquica, teríamos a pragmática, a semântica e a sintaxe. Assim é que, por exemplo, intenções, conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, inferências, vinculados a eventos comunicativos em que se engajam os humanos, semantizam-se (adquirem determinados significados) e são codificados em padrões sintáticos, os quais se constituem via rotinização/ritualização de usos linguísticos.

Na obra seminal *On understanding grammar*, Givón (1979b) apresenta evidências, de base sincrônica e diacrônica, em favor da defesa de que a constituição da gramática revela a trajetória do discurso à sintaxe, ou seja, vai do modo pragmático para o sintático. O linguista destaca que essa trajetória envolve perdas e ganhos: por um lado, o modo pragmático é analítico e lento, logo menos econômico; por outro lado, ele tem alto grau de fidelidade comunicativa, uma correlação um-a-um entre código e mensagem; o modo sintático, por sua vez, é mais econômico, envolve automatização de processamento (ganha-se, portanto, em economia); entretanto, perde em resolução, já que na sintaxe a correlação entre forma e conteúdo é tipicamente menor que 100% (ou seja, há perda comunicativa). O modo sintático, dessa forma, é usado somente quando outros parâmetros

que governam a situação comunicativa tornam possível compensar tal perda. Ou seja, a gramática das línguas naturais está sujeita a pressões competidoras (HAIMAN, 1980, 1985), ora atendendo a demandas de rapidez e economia, ora primando pela expressividade, clareza, de forma a garantir a eficiência comunicativa.

As discussões e achados de Givón (1979b) representam a base da visão funcionalista sobre a constituição da gramática. Os estudos acerca de fenômenos linguísticos sob esse viés teórico assentam-se na premissa de que a língua é um código a serviço da comunicação e, em decorrência dessa premissa, esses estudos assumem que tais fenômenos refletem, em algum grau, diferentes valores e intenções comunicativas construídos no uso real da língua. Nas palavras de Votre e Naro (1989), a estrutura (ou forma da língua) é uma variável dependente, resultante de regularidades das situações em que se fala. Com efeito, uma das ideias centrais da abordagem funcionalista é a de que as estruturas das línguas são fortemente contingenciadas por suas funções (semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas), segundo nos lembram, entre outros, Martelotta (2011), Furtado da Cunha e Bispo (2013), Bispo e Lopes (2022). Para um funcionalista, pesquisar a gramática de uma língua implica compreender e descrever o valor funcional (em termos comunicativos e de estrutura informacional, por exemplo) das diversas unidades estruturais existentes nessa gramática. A ênfase está, portanto, na relação entre forma e função.

Circunscrito nesse contexto teórico, este volume reúne trabalhos associados a diferentes vertentes funcionalistas, cujo objetivo principal é homenagear a linguista Maria Beatriz Nascimento Decat, que se aposentou como professora de Linguística da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde atuou e atualmente atua como professora voluntária. Por que um número da *EntrePalavras* dedicado à Beatriz Decat? Eis a pergunta que muitos desavisados poderiam fazer, mas o público a que se destina esta edição e seus autores/colaboradores sabem muito bem a resposta. Portanto, essa é uma pergunta retórica, mas, mesmo assim, vamos respondê-la, para, mais uma vez, prestarmos nossa homenagem a uma Colega e Profissional que muito tem contribuído para os estudos linguísticos, principalmente no âmbito da conexão de orações.

Beatriz é pioneira na visão de que as relações entre as orações extrapolam o nível sentencial e se estendem para além dele. Sua opção teórica atual, a Teoria da Estrutura Retórica (Rhetorical Structure Theory) - RST, inclusive, comprova essa premissa. Desde sua tese de doutorado (*Leite com manga, morre: da hipotaxe adverbial no português em uso, 1993*), essa ideia já aparece. Também não podemos deixar de mencionar seu estudo

pioneiro, aqui no Brasil, sobre as estruturas desgarradas (cf. DECAT, 2011; DECAT *et al.*, 2021).

Neste volume da *Entrepalavras*, o leitor encontrará trabalhos de autores que conviveram com a nossa homenageada e com seus estudos como também de autores que, sem a conhecerem pessoalmente e desfrutarem de sua preciosa amizade, adotaram-na como referência para suas pesquisas. Importante frisar esse aspecto, pois Beatriz é referência tanto para trabalhos sobre desgarramento quanto sobre a RST.

Os quinze artigos que integram o dossiê foram reunidos consoante a premissa de que o discurso molda a gramática e, por isso, partimos do nível macroestrutural para o microestrutural. Assim, os estudos foram ordenados procurando seguir a lógica de iniciar pelos temas mais gerais para chegar aos mais específicos, ou seja, procurando fazer o percurso discurso, texto, sentença.

O primeiro texto é o de Maria Helena de Moura Neves, que nos deixou um pouco depois de ter submetido o artigo intitulado *As interfaces da língua em uso. Um tratamento funcionalista da entidade "oração"*<sup>1</sup>. Nele, a pesquisadora apresenta uma perspectiva de oração não restrita à sintaxe, mas, em suas próprias palavras, uma visão que busca "lançar o olhar para a oração em sua função de peça nuclear da produção discursiva, centrada no processo de predicação" (NEVES, 2023, p. 3-4). Evidencia-se, portanto, a premissa tão cara ao Funcionalismo de que Sintaxe, Semântica e Pragmática são componentes integrados, não autônomos, mas interdependentes. Em outras palavras, é a interação, mediada pelo texto, que determina a estrutura oracional.

Pensando a oração como "mensagem", a autora entende que, por exemplo, o posicionamento dos elementos interage com as distintas modalidades de frases e com o engajamento intersubjetivo. Em outro nível, enxergando como a oração se arranja em função da condução interlocutiva do texto, nota-se que, por exemplo, a escolha de perguntas indiretas no lugar de perguntas diretas serve ao texto e à sua condução argumentativa. Já em outra perspectiva, a semântica, analisam-se manifestações de vozes verbais, não sem relacioná-las às pressões discursivo-textuais.

André Vinicius Lopes Coneglian e Juliano Desiderato Antonio assinam o artigo Estrutura retórica, combinação de orações, estruturas desgarradas: revisitando contribuições de Beatriz Decat para estudos funcionalistas. Considerando associações entre porções discursivas, relações entre sentenças e manifestações das cláusulas no uso, os autores abordam

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio (UEM), que auxiliou a Profa. Maria Helena desde a etapa de submissão do texto até as etapas subsequentes de editoração, estas últimas após o falecimento da pesquisadora.

como esses temas, defendidos por Beatriz Decat, observam-se na análise de dados. De início, os pesquisadores já destacam o pioneirismo da homenageada na aplicação, no Brasil, da RST (MANN; THOMPSON, 1983; MANN; THOMPSON, 1988), no uso da teoria funcionalista associada à articulação de orações e na proposição do conceito de orações desgarradas. Coneglian e Antonio mostram que Decat, apoiada principalmente em Halliday (1985) e em Matthiessen e Thompson (1988), questionou o rótulo de subordinada dado às adverbiais, com base, principalmente, no critério do (não)encaixamento e investigou as funções dessas estruturas no discurso.

No que tange à aplicação da RST, teoria que analisa a emergência de relações retóricas a partir da combinação entre as orações, Decat foi, como dissemos, pioneira desses estudos no Brasil. O trabalho da autora com a RST rendeu-lhe bons frutos: publicações de livros, capítulos de livros e artigos científicos, apresentações de trabalhos, além de orientações de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado.

Em relação às estruturas desgarradas, os autores as exemplificam por meio não só de estruturas hipotáticas, mas também de estruturas encaixadas e de estruturas sintagmáticas, apresentando o processo em amplo espectro. Coneglian e Antonio lembram que, para a homenageada, o desgarramento se expressa como uma opção organizacional, em que uma oração subordinada/dependente se manifesta de maneira contrária à sua natureza, ou seja, ocorre "solta".

Encarecendo ainda mais o assunto das determinações pragmáticas na estrutura linguística, Roberto Gomes Camacho e Erotilde Goreti Pezatti, no estudo *Constituintes extraoracionais e sua ordenação linear*, traçam um mapeamento desses elementos na linearidade discursiva, caracterizando-os, segundo descrição operada por Dik (1997a, 1997b). Indo além, os autores os entendem como "Atos Discursivos no exercício de funções retóricas" (CAMACHO; PEZATTI, 2023, p. 40), o que torna possível estabelecer um paralelo entre os princípios da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) e a Teoria da Estrutura Retórica (RST). No que diz respeito a esta última, os autores fazem remissão direta às pesquisas desenvolvidas pela homenageada.

Aproxima as duas teorias a aceitação das relações entre porções ou Atos Discursivos de um texto, além dos efeitos discursivos causados. Por outro lado, a aceitação da RST de que há relações retóricas não sinalizadas na superfície textual se contrapõe à GDF, no sentido de que as funções retóricas carecem de alguma codificação morfossintática ou fonológica. O diálogo entre as duas teorias mostra, por exemplo, que dois Atos Discursivos equipolentes da GDF podem representar um esquema multinuclear na RST, e casos em que a GDF analisa como um Ato Discursivo nuclear e outro

subsidiário são interpretados como expressões de uma relação núcleo-satélite na ótica da RST. Concluem os linguistas que, segundo a GDF e a RST, como os Constituintes Extraoracionais não fazem parte do Ato Discursivo Nuclear, “sua posição dentro da Expressão Linguística, na perspectiva da GDF, não pode ser determinada por diferenças de escopo funcional, seja interpessoal seja representacional” (CAMACHO; PEZATTI, 2023, p. 59).

Um segundo bloco de artigos focaliza as relações oracionais estabelecidas em gêneros textuais e em funções textual-discursivas de padrões oracionais. Em primeiro lugar, Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann, no trabalho *A justaposição em propagandas: uma análise semântica, pragmática e semiótica*, considera que esse processo sintático serve bem às demandas comunicativas do gênero em questão. Retomando Decat (2001), Mallmann vale-se da relação semântica instaurada pelas justapostas, a despeito de não haver conexão explícita entre as orações. O caráter de satélite dessas orações e o conteúdo circunstancial que comumente veiculam estabelecem, além dos demais recursos semióticos e pragmáticos das propagandas, relações de sentido que contribuem para a emergência dos efeitos discursivos do gênero em foco. Com base teórica assentada principalmente nos parâmetros da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]) e no mapa cognitivo das afinidades semânticas (KORTMANN, 1997), a autora conclui que “a presença de contextualização, a ausência de relação de poder e as informações mais reais certamente auxiliam no engajamento do leitor, uma vez que esse é convidado a interagir com o texto” (MALLMANN, 2023, p. 76).

Ainda tratando dos efeitos discursivos das estruturas oracionais nos gêneros da esfera publicitária, Rosane Cassia Santos e Campos, no artigo *Multimodalidade e as estruturas desgarradas em anúncios publicitários: uma estratégia para favorecer a sedução*, apresenta uma análise do desgarramento, de SN ou de orações, nesse gênero textual. Amparada em Decat (2004, 2011), Halliday e Hasan (1989) e também em Kress e Van Leeuwen (2006), a autora hipotetiza que esse padrão discursivo é extremamente propício ao desgarramento, asseverando a força argumentativa daquele. Com base na análise empreendida, conclui a autora que “a multimodalidade, associada ao desgarramento, tem muito a contribuir para que as magias de sedução carregadas pelos anúncios sejam ainda mais evidenciadas” (CAMPOS, 2023, p. 95).

Gustavo Ximenes Cunha, no estudo *A pergunta no gênero entrevista com presidenciável: articulando gramática, texto e contexto*, defende a associação de tais elementos no sentido de que o contexto (mais amplo e mais específico) impacta a manifestação das perguntas de jornalistas a candidatos à presidência da República. Argumenta o autor que

as perguntas nem sempre visam à obtenção de informações, mas podem ser um meio para expressar outras ações, entre as quais estão ameaçar, intimidar, elogiar etc. O pesquisador constatou dois tipos de perguntas: as que iniciam trocas e as que não iniciam trocas de turno. O primeiro caso refere-se àquelas centradas em um novo tópico, enquanto o segundo destaca as reformulações da pergunta em cuja troca fora iniciada. Percebeu-se que o primeiro grupo de perguntas é o mais complexo, já que se inicia com explicação e desenvolvimento de um tópico antes de se enunciar a pergunta. Quanto ao segundo grupo, que se manifesta em turnos menos complexos, há uma "concentração elevada de recursos verbais (...) com que o jornalista assume uma postura confrontacional ou antagônica em relação ao entrevistado e reivindica uma primazia epistêmica em relação a este" (CUNHA, 2023, p. 117).

*Funções textual-discursivas da aposição encapsuladora* é assinado por Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa e Márcia Teixeira Nogueira. Apoiadas, principalmente, na GDF, de Hengeveld e Mackenzie (2008), as autoras analisam o chamado aposto de oração, adotando como *corpus* artigos de opinião do jornal *Folha de São Paulo*, a fim de mostrar, como o próprio título sugere, as funções textual-discursivas da aposição nesse gênero. Além da GDF, Quirk *et al.* (1985), Meyer (1992), Hannay e Keizer (2005), Keizer (2015) e Decat (2010, 2011, 2021) servem de aporte teórico desse estudo. Centrando-se na aposição encapsuladora, as autoras mostram que suas funções podem variar conforme as orientações almejadas por quem as produz. À função básica de Adendo, são acrescentadas as específicas de Explicação e Avaliação, Desdobramento, Constatação/Ratificação e Conclusão.

Elementos de conexão é tema do terceiro bloco de textos, iniciado com o texto de Simone Josefa da Silva, no trabalho *“Com isso” e “com isto”: uma análise funcional centrada no uso*. A autora observa que a primeira construção é mais produtiva no português brasileiro; a segunda, no português europeu. Para o estudo, são tomadas ocorrências extraídas do *Corpus Now*, do *site Corpus do Português*, disponível em [www.corpusdoportuguês.org](http://www.corpusdoportuguês.org). A análise comparativa das duas construções ancora-se nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, da Linguística Sistêmico Funcional e da Linguística do Texto, visando a mostrar o comportamento de conector dessas construções. Os resultados revelam, no que diz respeito às similaridades entre os conectores, que a maior produtividade dessas construções reside na conexão entre períodos, embora também possam atuar na conexão de orações e parágrafos. Além disso, seus elementos constituintes atendem a movimentos prospectivos e retrospectivos. Esses elementos também são considerados polissêmicos e

polifuncionais. Quando se trata das características que lhes são inerentes de maneira particular, menciona-se a aludida produtividade de [com isso] e seu valor típico de consequência, em função conectiva. Em contrapartida, [com isto] seria mais frequente no Português de Portugal, com valor de elaboração, funcionando como termo da oração.

Nice da Silva Ramos, no artigo intitulado *Estudo funcional sobre a microconstrução [sabe (-se) lá que] como conector na língua portuguesa contemporânea*, delinea, também com base no *corpus* Now, o escopo de atuação da microconstrução [sabe (-se) lá que]. Fundamenta o trabalho na Linguística Funcional Centrada no Uso associada à Gramática de Construções. Segundo a autora, em sua análise, foram levados em conta os aspectos linguísticos e extralinguísticos, bem como a semântica e a pragmática. Ao final da investigação, a pesquisadora concluiu que a construção em foco, em sua função conectora, relaciona as partes de um texto e, servindo à intersubjetividade, é utilizada com valor apreciativo ou depreciativo.

Diogo Oliveira da Silva e Joceli Catarina Stassi-Sé, no trabalho *Construções encabeçadas por “como” no português*, em variedade lusófona, evidenciam as propriedades discursivas, pragmáticas e morfossintáticas dessas construções, além de seu estatuto interpessoal e morfossintático. Assim como outros trabalhos deste dossiê, adotam a GDF como modelo teórico. Os autores apontam “a tendência dessas construções operarem discursivamente, independentemente do tradicional valor semântico atribuído ao *como* em estudos” (SILVA; STASSI-SÉ, 2023, p. 186) de cunho mais gramatical. Em relação ao Nível Interpessoal, explicam os autores que as construções com “como” exercem função de monitoramento da interação (Função Resgate e Função Meditativa), gerando o cenário interacional-discursivo, com foco nos participantes. Acerca do Nível Morfossintático, as ocorrências dessas construções, codificadas como Expressões Linguísticas, são analisadas como unidades independentes.

No quarto e último bloco temático, os textos se agruparam tendo em vista seu foco em relações semânticas, a saber: oposição/contraste, condição e finalidade. Inicialmente, Amanda Krüger Cardoso de Freitas, Leosmar Aparecido da Silva e Mirian Santos de Cerqueira, no estudo *O fenômeno da oposição em cláusulas coordenadas e subordinadas no ensino de português*, analisam estas estruturas em gramáticas descritivas, o tratamento a elas dispensado na BNCC e em um livro didático. Visando a contribuir para um ensino mais produtivo de língua portuguesa, mostram a inter-relação entre as orações coordenadas adversativas e as subordinadas concessivas, identificando que a BNCC recomenda que se trabalhem os efeitos de sentido dessas orações sem necessariamente tratar da relação de

sentido entre ambas. Segundo os teóricos trazidos à discussão no texto, as cláusulas em foco apresentam diferenças pragmáticas e argumentativas entre si, aspectos que podem ser levados à sala de aula. No entanto, o livro didático analisado pelos autores do texto em questão trata apenas tangencialmente da relação entre esses tipos oracionais. Por isso, Freitas, Silva e Cerqueira advogam uma abordagem didática mais aprofundada dessas relações, com destaque para aspectos discursivos e argumentativos.

Nilza Barrozo Dias, no artigo *Construções contrastivas com “enquanto que” e “sendo que”*, mostra que esses conectores fazem uma extensão da rede contrastiva. A autora defende “um esquema muito amplo [X- QUE<sub>conector</sub>], sendo o X representado na fonte, pela conjunção adverbial *enquanto* e pelo elemento verbal *sendo*, que apontam, respectivamente, tempo simultâneo e em curso” (DIAS, 2023, p. 223), compondo, junto com o *que*, um *chunk* de valor contrastivo. Ampara-se em pressupostos da Linguística Baseada no Uso, consoante Bybee (2016) e Diessel (2017). Além de revelar que as construções em análise apresentam características de contraste similares às do *mas*, os resultados da pesquisa da autora apontam o uso de *enquanto que* também na comparação, e o de *sendo que* na restrição parcial e na gradação.

Leyla Ely e Maria Maura Cezario, no trabalho *[Vai que] e a condicionalidade: uma análise baseada no uso*, abordam, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), usos da construção [vai que] no *Corpus* do Português, aba Web-dialetos. Com o fito de analisar as motivações do uso de [Vai que<sub>connect</sub> (SUJ) + SV] por parte dos falantes, as autoras identificaram neste *corpus* usos mais fixados, com funções ligadas à conexão de orações, com valor relacionado ao domínio da condicionalidade, além de outros mais livres, com valor de marcador epistêmico. Segundo as pesquisadoras, a construção em análise convencionalizou-se como operador argumentativo e/ou marcador de epistemicidade e, ligando-se ao domínio da condição, pode apresentar nuances de suposição, possibilidade e hipótese. A investigação também revelou usos mais lexicalizados surgidos a partir de realizações como “Vai que cola”, “Vai que rola” e “Vai que dá”.

Maria Julia Bernardo Comarim e Flávia Bezerra de Menezes Hirata Vale, no estudo *A expressão de desejos em construções condicionais insubordinadas com “se ao menos”*, analisam, em pesquisa qualitativa, as construções condicionais insubordinadas (CCI) introduzidas por “se ao menos”, advindas do *Corpus* do Português. De acordo com Evans (2007), insubordinadas são construções que apresentam marcas de subordinação, mas ocorrem sintática, semântica e pragmaticamente de forma independente. As autoras se valem dos parâmetros de condicionalidade de

Dancygier (1998) e da classificação funcional de D'Hertefelt (2015) para esse tipo de construção nas línguas germânicas. Nessas construções, emerge o valor de desejo, formalmente marcado pelo imperfeito do subjuntivo. O trabalho revela que as CCI mantêm, em relação ao sentido condicional, apenas os parâmetros de não-assertividade e construção de espaços mentais hipotéticos. Os demais (predição, sequencialidade e causalidade) são perdidos, embora o último, discursivamente, possa ser visto como uma sugestão que a CCI permite interpretar.

Encerrando o dossiê, Ivo da Costa do Rosário e Marcello Martins Machado, no artigo *Análise do conector [atrás de] – uma visão funcional centrada no uso*, analisam usos de [atrás de] como articulador de orações em Língua Portuguesa. Com dados coletados do *Corpus do Português*, os autores evidenciam, baseando-se no aporte teórico da LFCU, que [atrás de] é um conector híbrido, servindo à complementação circunstancial e à hipotaxe de finalidade. Das ocorrências analisadas, a grande maioria indicia a conexão de termos, enquanto as demais apontam ou para uso autônomo dos elementos *atrás* e *de* ou para um uso relacionado à conexão oracional. Observando detidamente este último uso, percebe-se, segundo os autores, a força da metáfora, da neoanálise e do *chunking*, que favorecem o recrutamento desse conector, ainda não prototípico.

Como se nota, há uma gama de estudos muito diversificada neste volume, cujo elo é a homenageada e sua linha teórica principal - o Funcionalismo - em suas mais diferentes facetas. Os artigos que compõem este volume da *Entre palavras* buscam, em torno da homenagem à professora Beatriz Decat, valorizar a linguagem em uso e seus efeitos discursivos e argumentativos. Esses temas foram muito bem desenvolvidos ao longo da trajetória da professora e pesquisadora, por meio de suas investigações, aulas, palestras, parcerias e orientações. Neste dossiê, atrelado ao contexto de cunho laudatório à docente, os temas que tanto lhe interessam são revisitados e amplificados, revelando a adaptabilidade da língua às vicissitudes do discurso e o avanço das pesquisas na seara funcionalista. Esperamos que você, leitor/professor/pesquisador/estudante, encontre aqui estímulo para enveredar por esses caminhos e/ou por outros afins, o que também pode ser muito proveitoso para o avanço da ciência linguística. Que a leitura fomente outras/novas interlocuções!

## REFERÊNCIAS

- BISPO, E. B.; LOPES, M. G. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. **Revista Odisseia**, v. 7, n. Especial, p. i-x, 2022.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.
- CAMACHO, R. G.; PEZATTI, E. G. Constituintes extraoracionais e sua ordenação linear. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 38-62, 2023.
- CAMPOS, R. C. S. e. Multimodalidade e as estruturas desgarradas em anúncios publicitários: uma estratégia para favorecer a sedução. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 79-96, 2023.
- CUNHA, G. X. A pergunta no gênero entrevista com presidencial: articulando gramática, texto e contexto. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 97-122, 2023.
- DANCYGIER, B. **Conditionals and prediction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. *In*: DECAT, M. B. N.; SARAIVA, M. E. F.; BITTENCOURT, V. O.; LIBERATO, Y. G. **Aspectos da Gramática do Português**: Uma abordagem funcionalista. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 103-166.
- DECAT, M. B. N. Orações relativas apositivas: SNs 'soltos' como estratégia de focalização e argumentação. **Veredas**, v. 8, n. 1-2, p. 79-101, jan./dez. 2004.
- DECAT, M. B. N. Relações retóricas e funções textual-discursivas na articulação de orações no português brasileiro em uso. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 167-173, 2010. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/412>. Acesso em: 9 dez. 2022.
- DECAT, M. B. N. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- DECAT, M. B. N. O tratamento das estruturas desgarradas em português: uma trajetória de pesquisa na língua em uso. *In*: DECAT, Maria Beatriz N. *et al.* **Desgarramento, subordinação discursiva e insubordinação**: abordagens funcionalistas. Campinas-SP: Pontes Editores, 2021. p. 15-43.
- DECAT, M. B. N. *et al.* **Desgarramento, subordinação discursiva e insubordinação**: abordagens funcionalistas. Campinas-SP: Pontes Editores, 2021.
- D'HERTEFELT, S. **Insubordination in Germanic**: A typology of complement and conditional constructions. Leuven, 2015.
- DIAS, N. B. Construções contrastivas com “enquanto que” e “sendo que”. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 223-244, 2023.

DIESEL, H. Usage-based linguistics. *In*: ARONOFF, M (ed.). **Oxford Research Encyclopedias**. Oxford: Oxford University Press, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/320558018\\_Usage-based\\_linguistics](https://www.researchgate.net/publication/320558018_Usage-based_linguistics). Acesso em: 22 fev. 2023.

DIK, S. C. **Functional Grammar**. Dordrecht-Holland/Cinnaminson-EUA: Foris Publication, 1978.

DIK, S. C. **The theory of Functional Grammar**, part 1: the structure of the clause. 2. ed. Berlin and New York: De Gruyter Mouton, 1997a. 509 p.

DIK, S. C. **The theory of Functional Grammar**, part 2: complex and derived constructions. Berlin and New York: De Gruyter Mouton, 1997b. 477 p.

EVANS, N. Insubordination and its uses. *In*: NIKOLAEVA, I. (ed.). **Finiteness. Theoretical and Empirical Foundations**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. **Revista do GELNE**, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. *In*: GIVÓN, T. **Syntax and semantics**. v. 12. New York: Academic Press, 1979a. p. 37-64.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979b.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HAIMAN, J. The iconicity of grammar: isomorphism and motivation. **Language**, v. 56, n. 3, p. 515-540, 1980.

HAIMAN, J. **Natural syntax: iconicity and erosion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HANNAY, M.; KEIZER, E. A Discourse Treatment of English Non Restrictive Nominal Appositions in Functional Discourse Grammar. *In*: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ GONZÁLES, M. de los Á. (org.). **Studies in Functional Discourse Grammar**. Bern: Peter Lang, 2005. p. 159-194.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, Context, and Text: Aspect of Language in a Social-semiotic Perspective**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: a tipologically based theory of language structure**. New York: Oxford University Press, 2008.

KEIZER, E. **A Functional Discourse Grammar for English: a textbook**. Oxford: Oxford Textbooks in Linguistics, 2015.

KORTMANN, B. **Adverbial subordination**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London; New York: Routledge, 2006 [1996].

MALLMANN, A. C. L. G. A justaposição em propagandas: uma análise semântica, pragmática e semiótica. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 63-78, 2023.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. **Relational Propositions in Discourse**. Los Angeles: Information Sciences Institute, 1983.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. **Text**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (org.). **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988. p. 275-329.

MEYER, C. F. **Apposition in contemporary English**. New York: Cambridge University Press, 1992.

NEVES, M. H. de M. As interfaces da língua em uso. Um tratamento funcionalista da entidade "oração". **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 1-17, 2023.

QUIRK, R. *et al.* **A comprehensive grammar of the english language**. London/New York: Longman, 1985.

SILVA, D. O. da; STASSI-SÉ, J. C. Construções encabeçadas por "como" no português. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 186-202, 2023.

VOTRE, S. J; NARO, A. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 5, p. 169-184, 1989.

BISPO, EDVALDO BALDUINO;  
CAVALCANTE, SÁVIO ANDRÉ DE SOUZA;  
RODRIGUES, VIOLETA VIRGÍNIA. DO  
DISCURSO À GRAMÁTICA: A RELAÇÃO ENTRE  
USO E ESTRUTURA. **ENTREPALAVRAS**,  
FORTALEZA, V. 13, N. 1, P. 126-132, JAN-  
ABR./2023. DOI:10.22168/2237-6321-  
12682